

FRELÚDIO APRESENTA

O PAVÃO MISTERIOSO

EM QUADRINHOS



JERÓDIMA



EDITORA
PRELÚDIO

FOLCLORE EM QUADRINHOS

Conheça tudo sobre o Brasil: seus costumes, suas curiosidades e viaje por todos os países do mundo através das ilustrações dos melhores artistas do gênero.

Você poderá ler tôdas as histórias nordestinas conhecidas como literatura de cordel. Elas serão transformadas em revistas de quadrinhos. Nada irá ser alterado: o mesmo conteúdo, os mesmos versos, a mesma rima e métrica.



JÁ NAS BANCAS

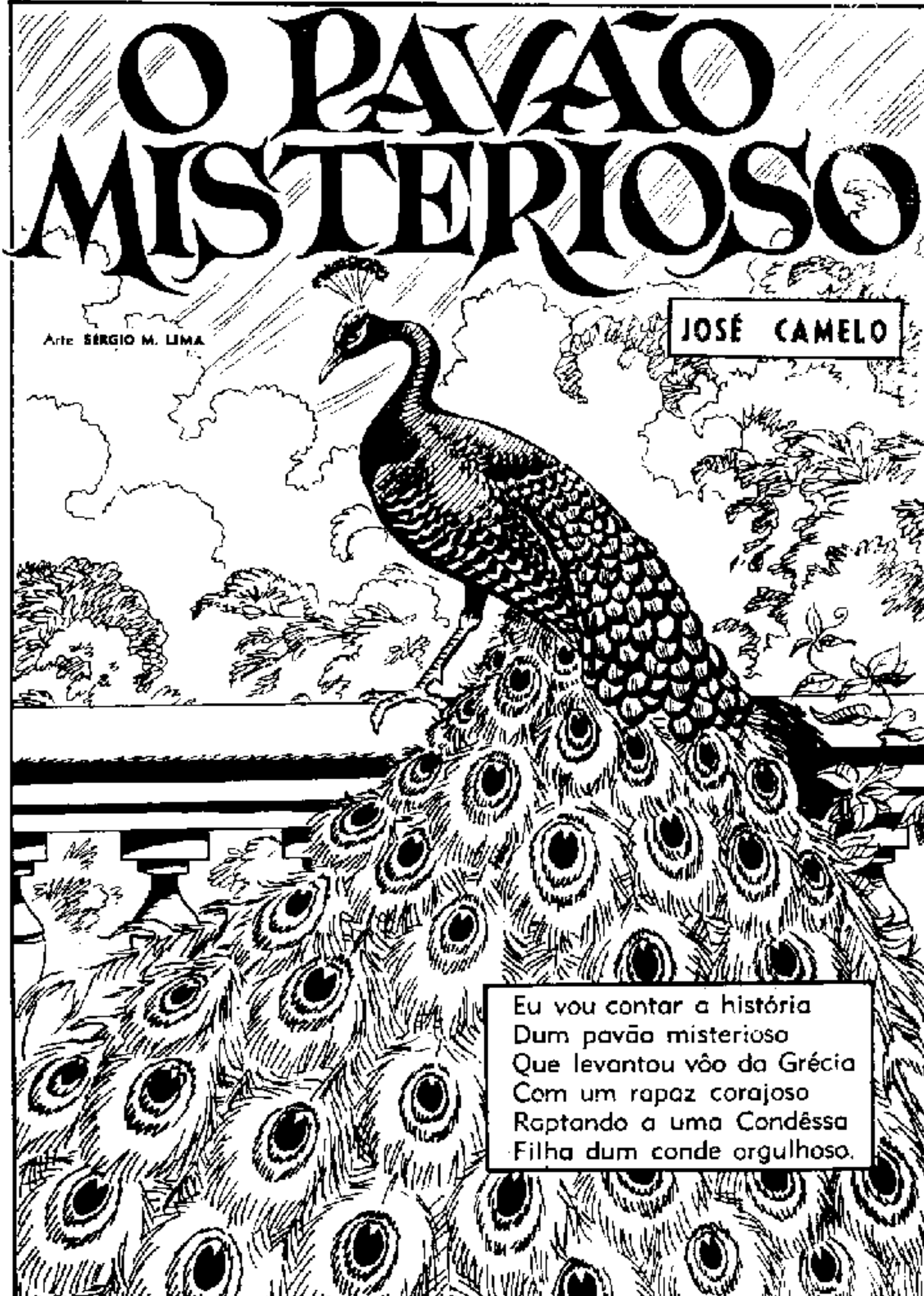


Edição especial da Revista PRELÚDIO, apresentando O PAVÃO MISTERIOSO - Publicação e Propriedade da Editora Prelúdio Ltda. - C.G.C. 60.856.994 - Rua Visconde de Parnaíba, 3042/50 - São Paulo-6 - Diretor-responsável: Armando Augusto Lopes - Diretor-secretário: Arlindo Pinto de Souza - Arte: Mário S. Cafiero, Nico Rosso, Sérgio M. Lima e Vílson M. Dias.

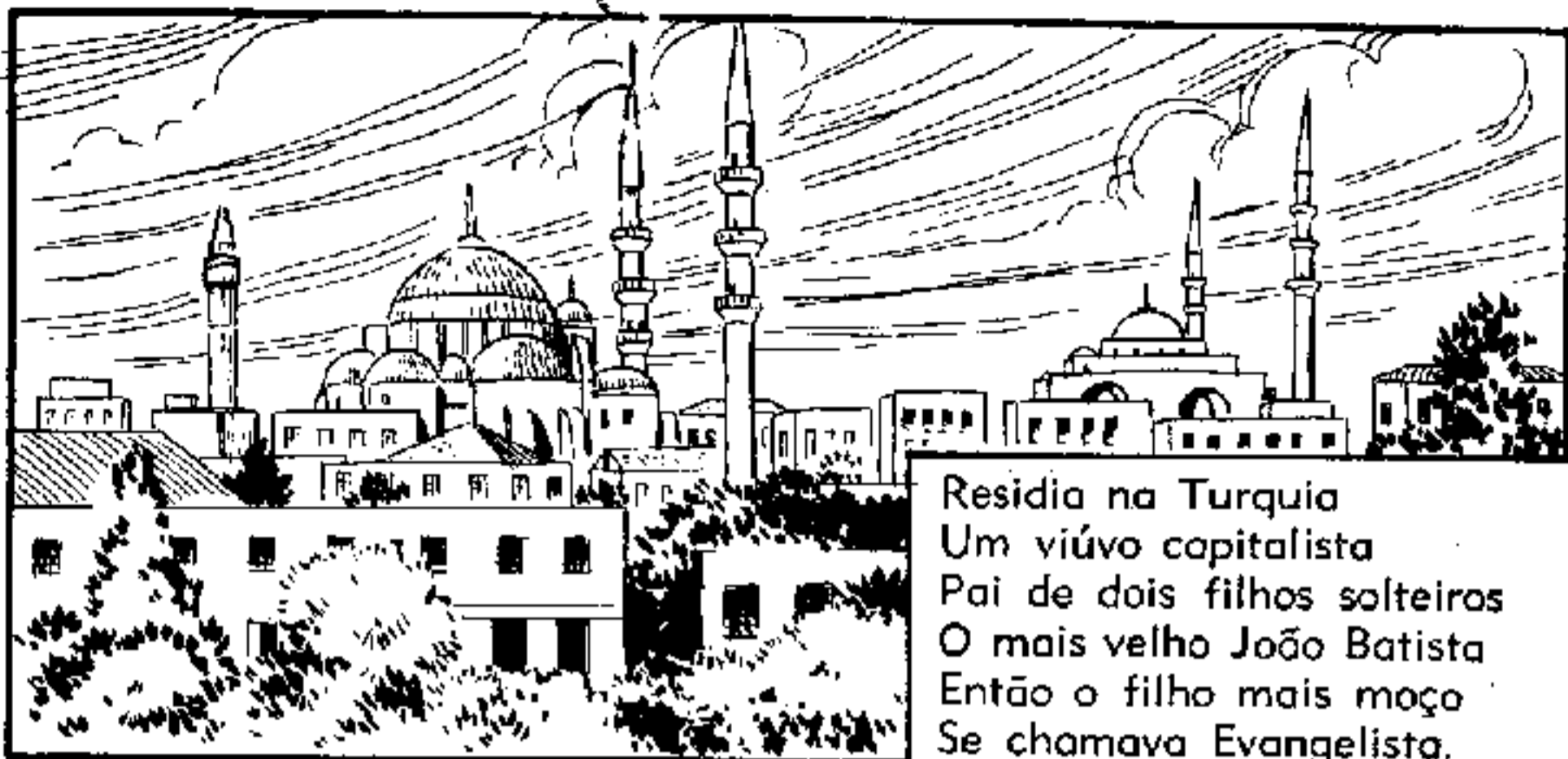
O PAVÃO MISTERIOSO

Arte SÉRGIO M. LIMA

JOSÉ CAMELO



Eu vou contar a história
Dum pavão misterioso
Que levantou vôo da Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando a uma Condessa
Filha dum conde orgulhoso.



Residia na Turquia
Um viúvo capitalista
Pai de dois filhos solteiros
O mais velho João Batista
Então o filho mais moço
Se chamava Evangelista.



O velho turco era dono
Duma fábrica de tecidos
Com largas propriedades
Dinheiro e bens possuídos
Deu a herança a seus filhos
Porque eram bem unidos.



Depois que o velho morreu
Fizeram combinação
Porque o João Batista
Concordou com seu irmão
E foram negociar
Na mais completa união.



Um dia João Batista
Pensou pela vaidade
E disse a Evangelista:
— Meu mano eu tenho vontade
De visitar o estrangeiro
Se não te deixar saudade.

Olha que nossa riqueza
Se acha muito aumentada
E dessa nossa fortuna
Ainda não gozei nada
Porquanto convém que eu passe
Um ano em terra afastada.

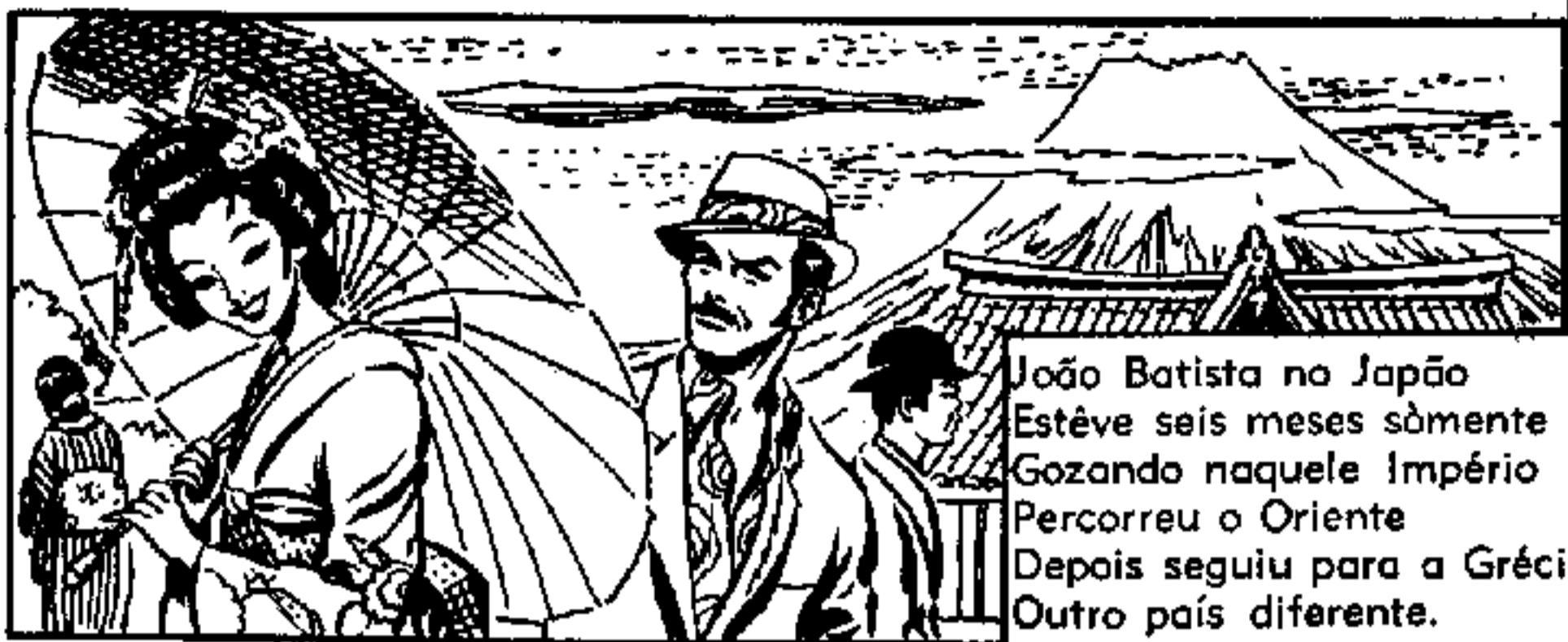


Respondeu Evangelista:
— Vai que eu aqui ficarei
Regendo nosso negócio
Como sempre trabalhei
Garanto que nossos bens
Com cuidado zelarei.

Quero fazer-te um pedido
Procura no estrangeiro:
Um objeto bonito
Só para rapaz solteiro
Traz para mim de presente
Embora custe dinheiro.



João Batista prometeu
Com muito boa atenção
De comprar um objeto
Do gosto do seu irmão
Então tomou um Paquête
E seguiu para o Japão.



João Batista no Japão
Estêve seis meses sòmente
Gozando naquele Império
Percorreu o Oriente
Depois seguiu para a Grécia
Outro país diferente.



João Batista entrou na Grécia
Divertiu-se em passear
Comprou passagem de bordo
Quando ia embarcar
Ouviu um negro dizer:
— Acho bom se demorar.



Mora aqui nesta cidade
Um conde muito valente
Mais soberbo do que Nero
Pai duma filha sòmente
É a moça mais bonita
Que há no tempo presente.



João Batista interrogou:
— Amigo fale a verdade
Porque motivo o senhor
Manda eu ficar na cidade
Disse o negro: — Vai haver
Uma grande novidade.

E a moça em que lhe fala
Filha do tal potentado
O pai tem ela escondida
Em um quarto do sobrado
Chama-se Creusa, e criou-se
Sem nunca ter passeado.



De ano em ano essa moça
Bota a cabeça de fora
Para o povo adorá-la
No espaço de uma hora
Para ser vista outra vez
Tem um ano de demora.

O conde não consentiu
Outro homem educá-la
Só êle como pai dela
Teve o poder de ensiná-la
Será morto o criado
Que dela escutar a fala.



Os estrangeiros têm vindo
Tomarem conhecimento
Amanhã ela aparece
Ao grande ajuntamento
É proibido pedir-se
A mão dela em casamento.



Então disse João Batista:
— Agora vou demorar
Para ver essa Condessa
Estrêla dêste lugar
Quando eu chegar na Turquia
Tenho muito que contar.



Logo no segundo dia
Creusa saiu à janela
Os fotógrafos se veixaram
Tirando o retrato dela
Quando inteirou uma hora
Desapareceu a donzela.



Depois João Batista viu
Um retratista vendendo
Alguns retratos de Creusa
Veixou-se e foi lhe dizendo:
— Quanto quer pelo retrato?
Porque comprá-lo pretendo.

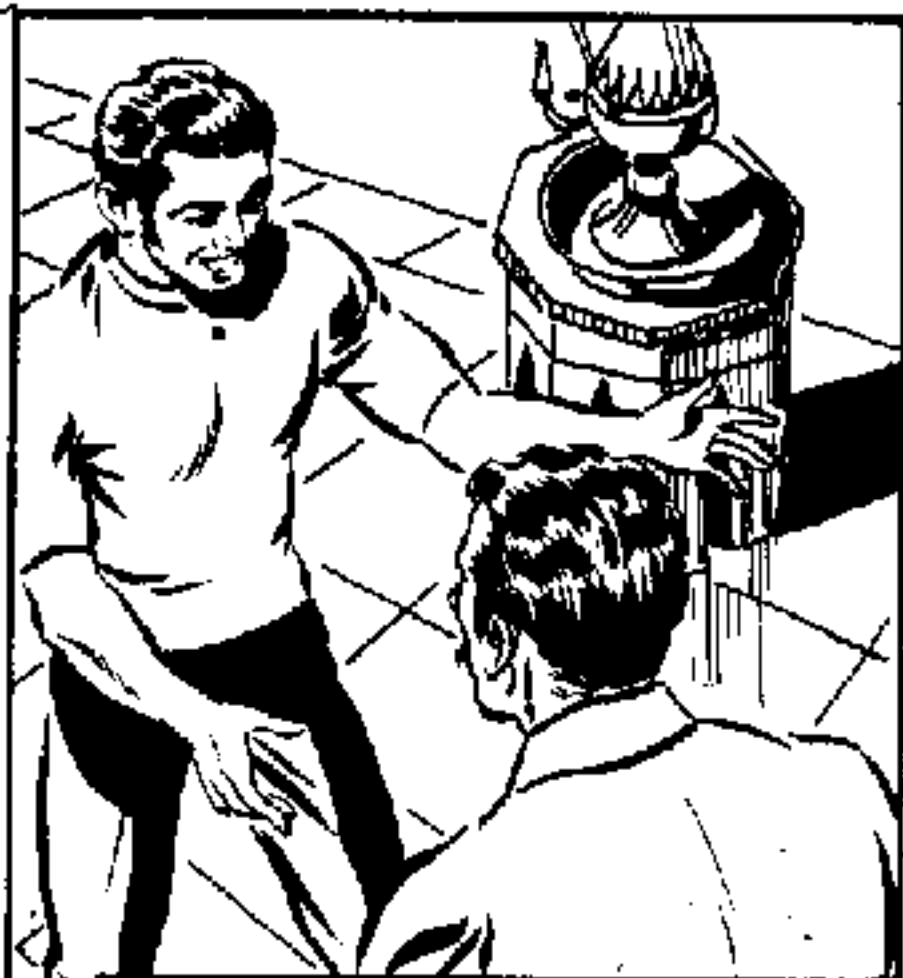


O fotógrafo respondeu:
— Lhe custa um conto de réis
João Batista ainda disse:
— Eu comprava até por dez
Se o dinheiro fôsse pouco
Empenharia os anéis.

João Batista voltou
Da Grécia para a Turquia
E quando chegou em Meca
Cidade em que residia
Seu mano Evangelista
Banqueteou o seu dia.



Respondeu João Batista:
— Para ti trouxe um retrato
Duma Condessa da Grécia
Moça que tem fino trato
Custou-me um conto de réis
Inda achei muito barato.



Então disse Evangelista:
— Meu mano vai me contando
Se viste coisa bonita
Onde andaste passeando
O que me traz de presente
Vá logo me entregando.



Assim falou Evangelista
Depois duma gargalhada:
— Nesse caso meu irmão
Para mim não trouxe nada
Pois retrato de mulher
É coisa bastante usada.



— Sei que tem muito retrato
Mas como o que eu trouxe não
Vais agora examiná-lo
Entrego em tua mão
Quando vires a beleza
Mudarás de opinião.



João Batista tirou
O retrato duma mala
Entregou-o ao rapaz
Que estava de pé na sala
Mas quando viu o retrato
Quis falar tremeu a fala.



Evangelista voltou
Com o retrato na mão
Tremendo muito assustado
Perguntando a seu irmão:
Se a moça do retrato
Tinha aquela perfeição.



Respondeu João Batista:
— Creusa é muito mais formosa
Do que o retrato dela
Em beleza é preciosa
Tem o corpo desenhado
Por u'a mão milagrosa.

João Batista perguntou
Fazendo um ar de riso:
— Que é isso meu irmão
Queres perder teu juízo
Já vi que êsse retrato
Vem te causar prejuízo.



Respondeu Evangelista:
— Pois meu irmão eu te digo
Vou sair do meu país
Não posso ficar contigo
Pois a moça do retrato
Me deixou a vida em perigo.

João Batista falou sério
Precipício não convém
— De que te serve ir embora
Por êsses mares além
Em procura de uma moça
Que não casa com ninguém.



— Teu conselho não me serve
Estou impressionado
Rapaz sem moça bonita
É um desafortunado
Se eu não casar com Creusa
Fimão os dias enforcado.

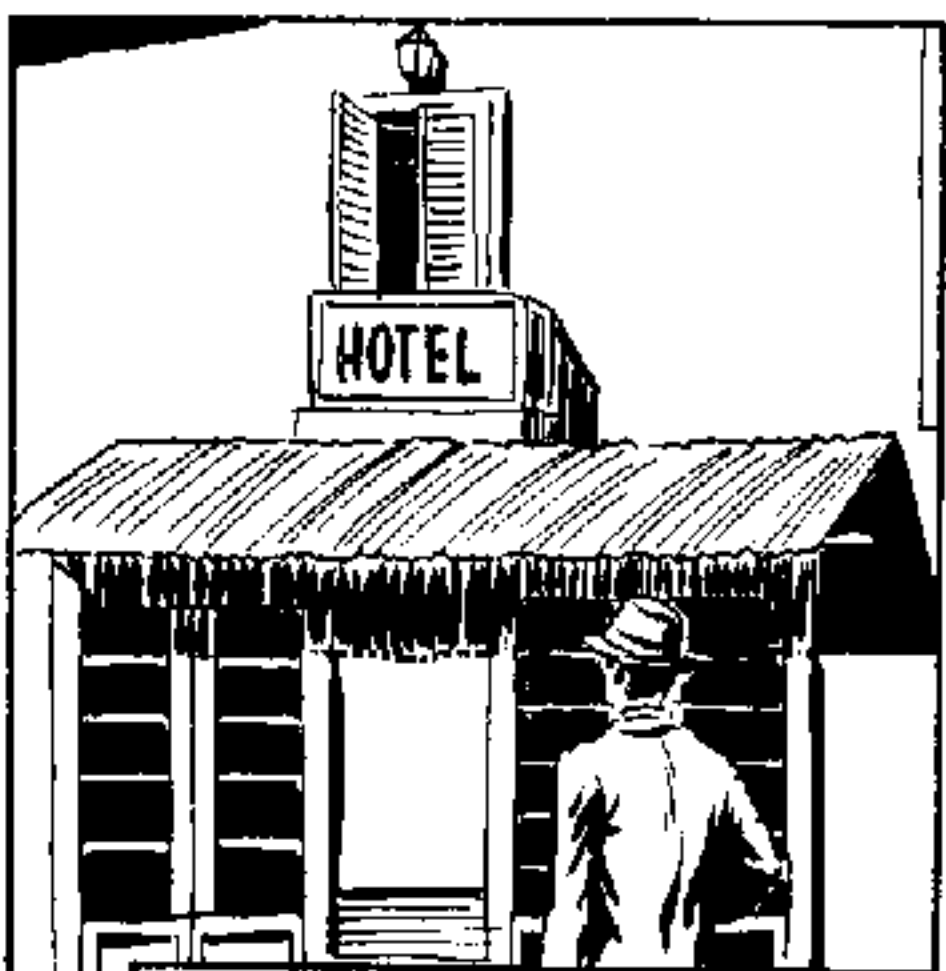
Vamos partir a riqueza
Que tenho necessidade
Dar balanço ao dinheiro
Porque eu quero a metade
O que não posso levar
Te dou de boa vontade.



Deram balanço ao dinheiro
Só três milhões encontraram
Tocou dois a Evangelista
Conforme se combinaram
Com relação a negócio
Da firma se desligaram.



Despediu-se Evangelista
Abraçou a seu irmão
Choraram um pelo outro
Na triste separação
Seguindo um para a Grécia
Em uma embarcação.



Logo que chegou a Grécia
Hospedou-se Evangelista
Em um hotel dos mais pobres.
Negando assim sua pista
Para ninguém não saber
Que era um capitalista.



Ali passou oito meses
Sem se dar a conhecer
Sempre andando disfarçado
Só para ninguém saber
Até que chegou o dia
Da moça aparecer.



Os hotéis já se achavam
Repletos de passageiros
Passeavam pela praça
Os grupos de cavalheiros
Havia muitos fidalgos
Chegados do estrangeiro.



Às duas horas da tarde
Creusa saiu à janela
Mostrando sua beleza
Entre o conde e a mãe dela
Todos tiraram o chapéu
Em continência à donzela.



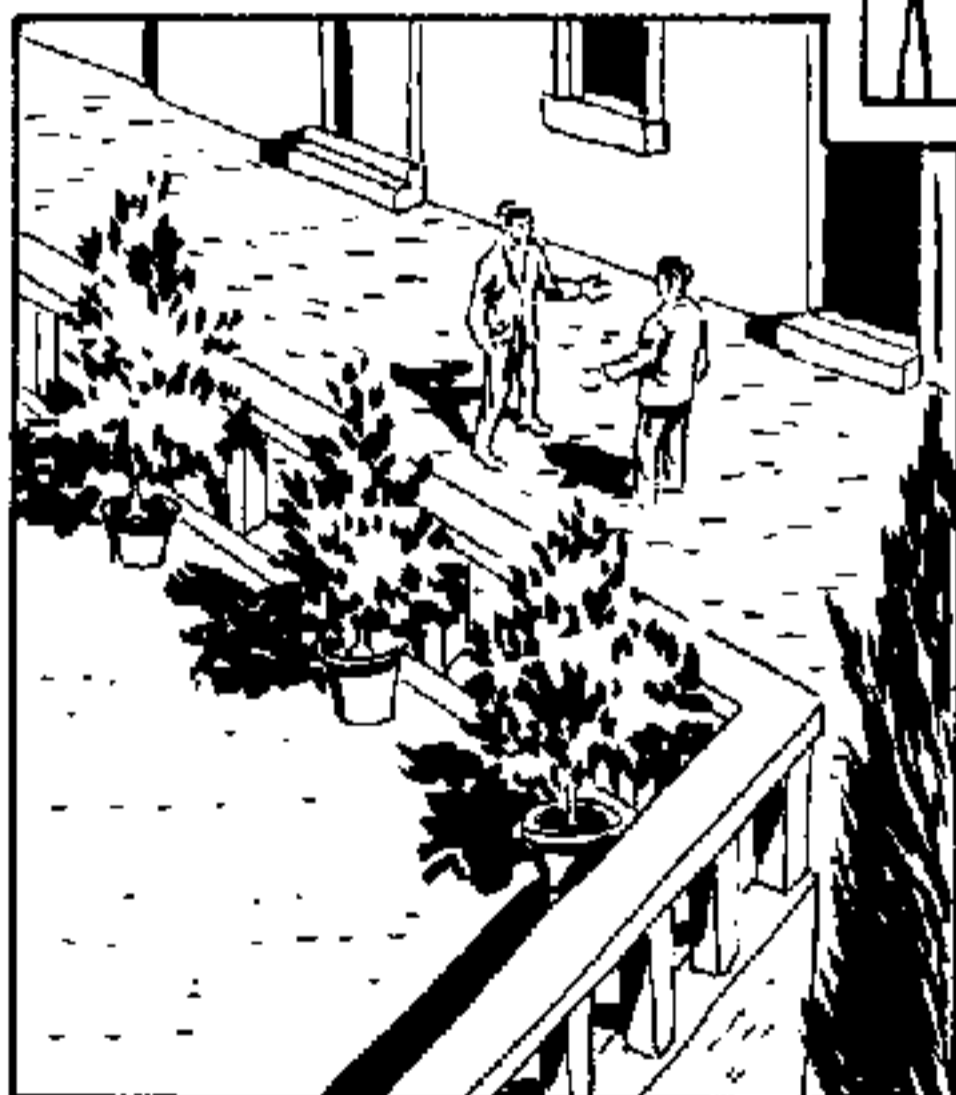
Quando Evangelista viu
O brilho da boniteza
Disse: vejo que meu mano
Quis me falar com franqueza
Pois essa gentil donzela
É rainha da beleza.



Evangelista voltou
Aonde estava hospedado
Como não falou com a moça
Estava contrariado
Foi inventar uma idéia
Que lhe desse resultado.



No outro dia saiu
Passeando Evangelista
Encontrou-se na cidade
Com um rapaz jornalista
Perguntou se não havia
Na praça algum artista.



Respondeu o jornalista:
— Tem o doutor Edmundo
Na rua dos Operários
É engenheiro profundo
Para inventar maquinismo
É êle o maior do mundo.

Evangelista entrou
Na casa do estrangeiro
Falando em língua grega
Negando ser estrangeiro
Lhe propor um bom negócio
Oferecendo dinheiro.



Assim disse Evangelista:
— Meu engenheiro famoso
Primeiro vá me dizendo
Se não é homem medroso
Porque quero ajustar
Um negócio vantajoso.



Respondeu Edmundo:
— Na arte não tenho medo
Mas vejo que o amigo
Quer um negócio em segrêdo
Como precisa de mim
Conte-me lá êsse enrêdo.

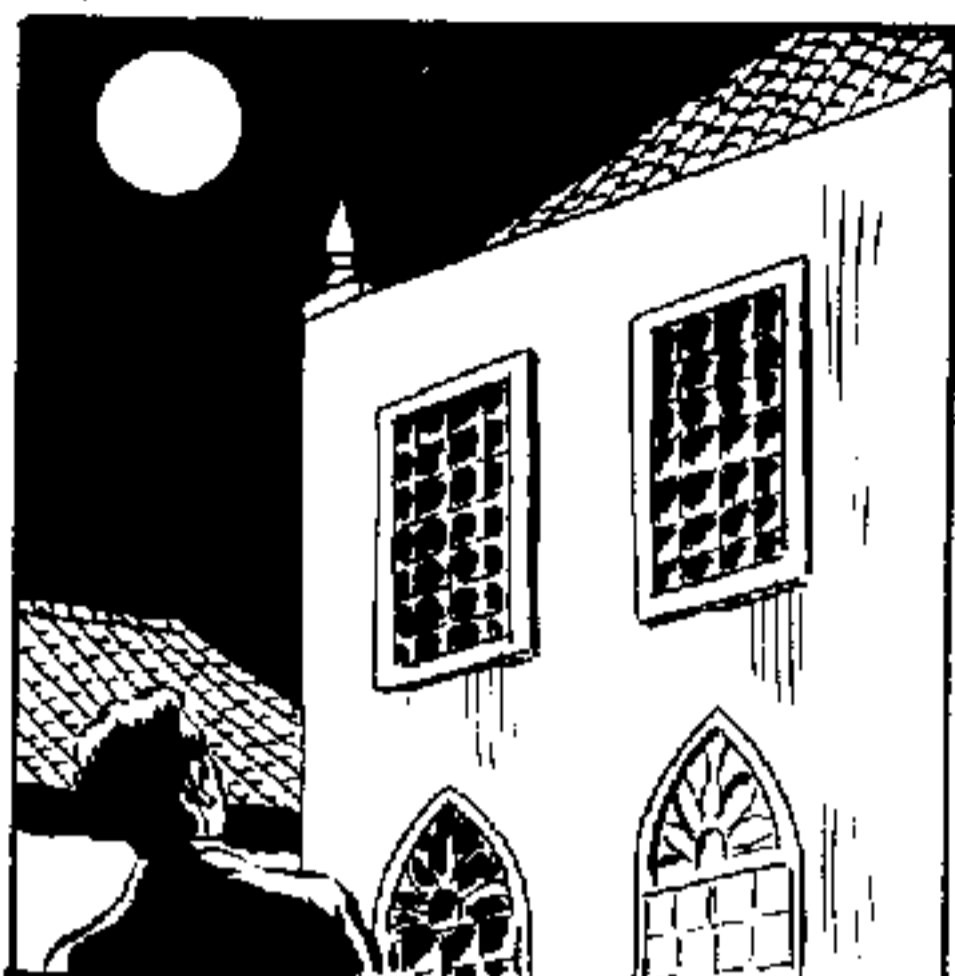


— Eu amo a filha do conde
A mais formosa mulher
Se o doutor inventar
Um aparelho qualquer
Que eu possa falar com ela
Pago o que o senhor quiser.



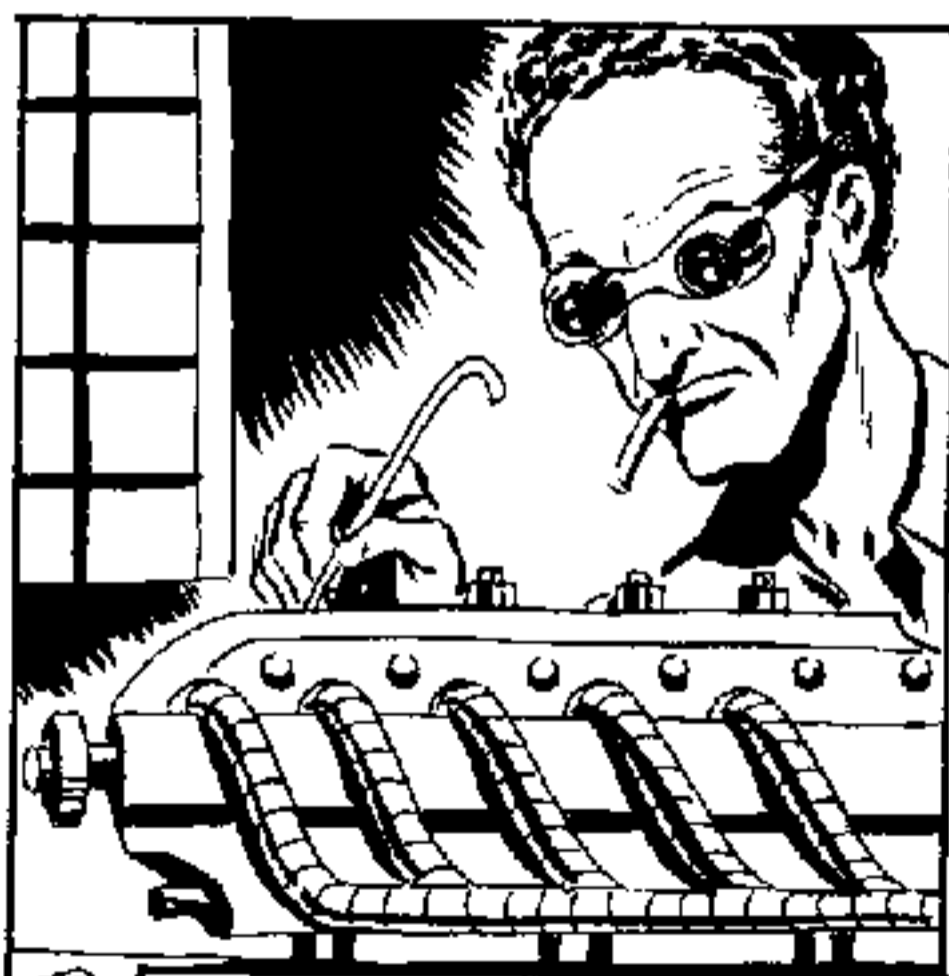
— Oculto em sua oficina
Eu aceito seu contrato
Mas preciso lhe avisar
Que vou trabalhar 6 meses
O senhor vai esperar
É obra desconhecida
Que agora vou inventar.

— Quer dinheiro adiantado?
 Eu pago neste momento
 — Não senhor, ainda é cedo
 Quando findar meu invento
 É quando eu lhe digo o preço
 Quanto custa o pagamento.



Enquanto Evangelista
 Impaciente esperava
 O engenheiro Edmundo
 Tôdas noites trabalhava
 Oculto em sua oficina
 E ninguém adivinhava.

O grande artista Edmundo
 Desenhou nova invenção
 Fazendo um aeroplano
 De pequena dimensão
 Fabricado de alumínio
 Com importante armação.



Movido a motor elétrico
 Depósito de gasolina
 Com locomoção macia
 Que não fazia buzina
 A obra mais importante
 Que fêz em sua oficina.

Tinha cauda como leque
As asas como um pavão
Pescoço, cabeça e bico
Alavanca, chave e botão
Voava igual ao vento
Para qualquer direção.



Quando Edmundo findou
Disse a Evangelista:
— A sua abra está perfeita
Ficou com bonita vista
O senhor tem de saber
Que Edmundo é artista.

Eu fiz um aeroplano
Da forma de um pavão
Que se arma e se desarma
Comprimindo um botão
E carrega-se 12 arrobas
Três leguas acima do chão.



Foram experimentar
Se tinha jeito o pavão
Abriram a alavanca e chave
Carregaram no botão
O monstro girou suspenso
Maneiro como um balão.



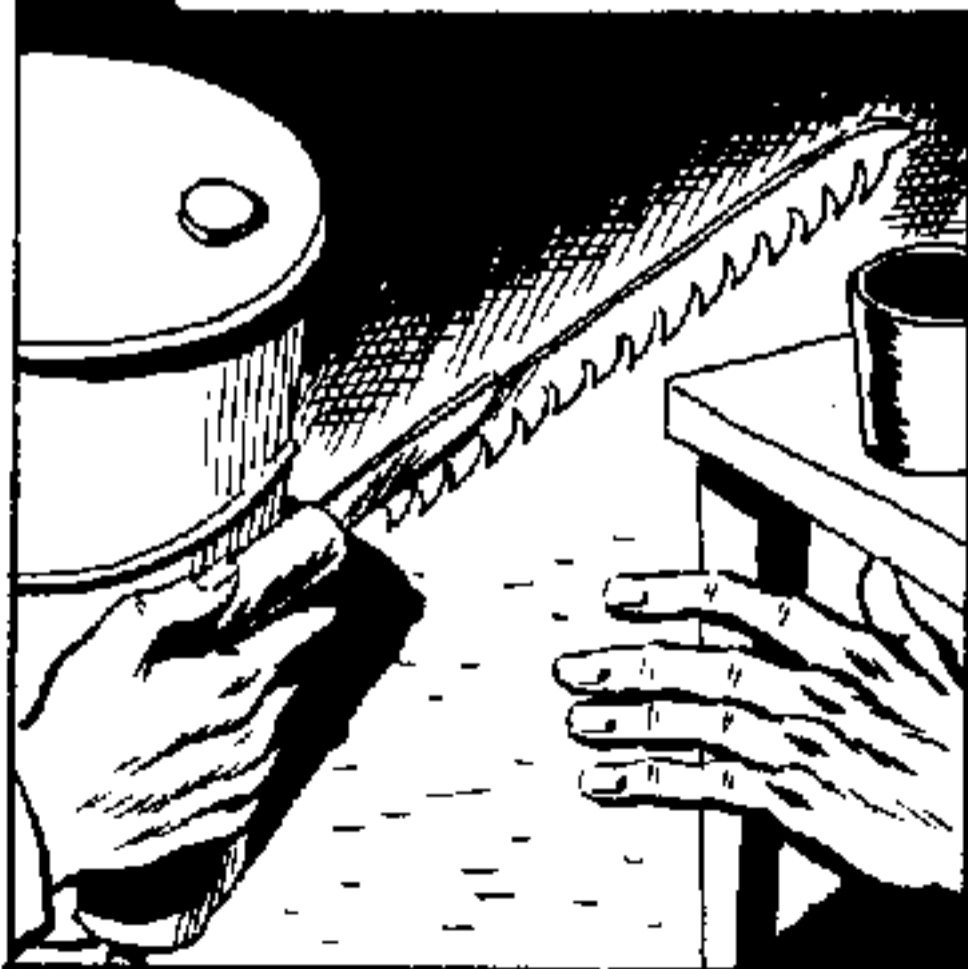
O pavão de asa aberta
Partiu com velocidade
Cortando pelo espaço
Muito acima da cidade
Como era à meia-noite
Voltaram à sua vontade.

Então disse o engenheiro:
— Já provei minha invenção
Fizemos experiência
Tome conta do pavão
Agora o senhor me paga
Sem promover discussão.



Pergunta o Evangelista:
- Quanto custa os seus inventos?
— Dá-me cem contos de réis
Podem ser dois pagamentos
O rapaz lhe respondeu:
— Pago à vista dou duzentos.

Edmundo ainda deu-lhe
Mais uma serra azougada
Que arreava caibro e ripa
E não fazia zoada
Tinha os dentes de navalha
De gume bem afiada.



Deu um lenço enigmática
Que quando Creusa gritava
Chamando pelo pai dele
Então o moço passava
Ele no nariz da moça
Com isso ela desmaiava.



Então disse o jovem turco:
— Muito obrigado fiquei
Do pavão e das presentes
Para lutar me armei
Amanhã à meia-noite
Com Creusa conversarei.



À meia-noite o pavão
Do muro se levantou
Com as lâmpadas apagadas
Como uma flecha voou
Bem no sobrado do conde
Na cumieira aterrou.



Evangelista em silêncio
Cinco telhas arredou
Um buraco de dois palmos
Nos caibros e ripas serrou
E pendurando uma corda
Por ela se escorregou.



Chegou ao quarto de Creusa
Onde dormia a donzela
Debaixo dum cortinado
Feito de sêda amarela
E êle para acordá-la
Pôs a mão na testa dela.



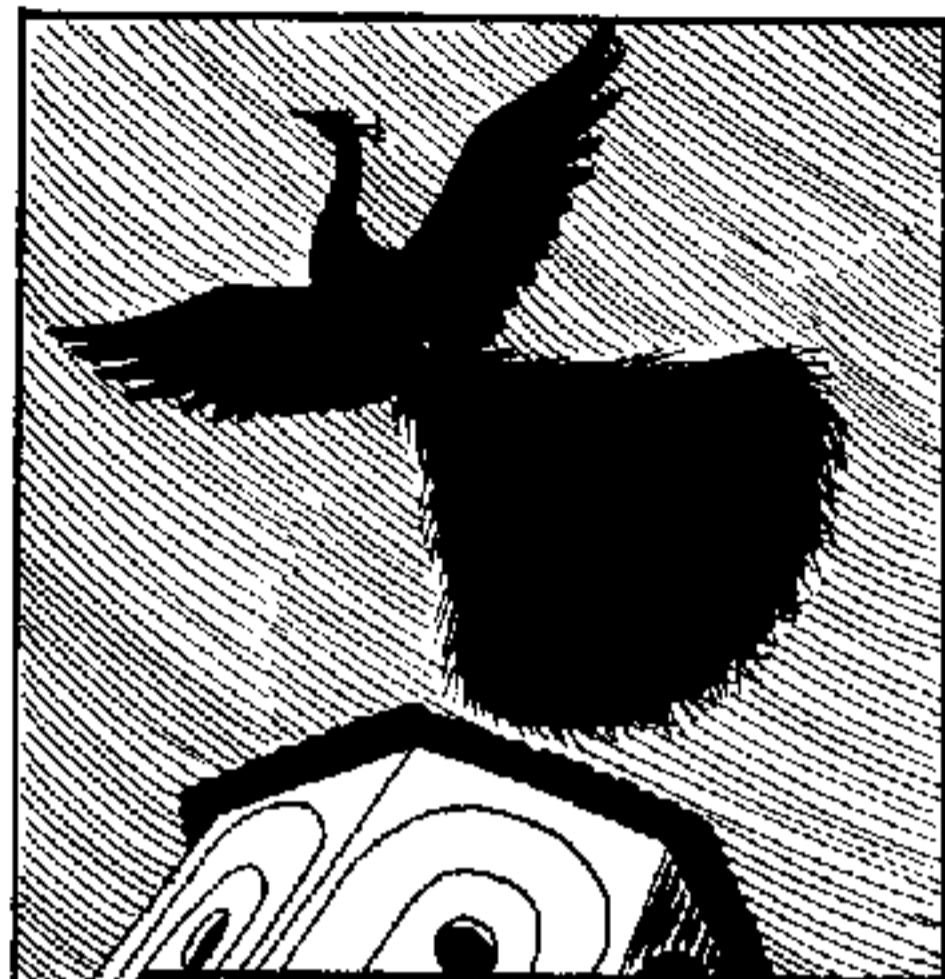
A moça estremeceu
Acordou no mesmo instante
E viu um rapaz estranho
De rosto muito elegante
Que sorria para ela
Com um olhar fascinante.

Então Creusa deu um grito:
— Papai um desconhecido!
Entrou aqui no meu quarto
Sujeito muito atrevido
Venha depressa papai
Pode ser algum bandido.



O rapaz lhe disse: — Moça
Entre nós não há perigo
Estou pronto a defendê-la
Como verdadeiro amigo
Venho é saber da senhora
Se quer se casar comigo.

O jovem puxou o lenço
No nariz dela encostou
Deu uma vertigem na moça
De repente desmaiou
E êle subiu na corda
Chegando em cima tirou.



O rapaz ajeitou os caibros
E consertou o telhado
Encalcando em seu pavão
Voou bastante veixado
Veio esconder o aparelho
Aonde foi fabricado.

O conde acordou aflito
Quando ouviu a zoadá
Entrou no quarto da filha
Desambainhou a espada
Mas a encontrou sem sentidos
Dez minutos desmaiada.



Percorreu todos os cantos
Com a espada na mão
Berrando, soltando praga
Colérico como um leão
Dizendo: onde encontrá-lo
Eu mato êsse ladrão.

Creusa disse-lhe: — Meu pai
Pais eu vi neste momento
Um jovem rico e elegante
Me falando em casamento
Não vi quando êle encantou-se
Porque deu-me um passamento.



Disse o conde: — Nesse caso
Tu já estás a sonhar
Moça de dezoito anos
Já pensando em se casar
Se te aparecer casamento
Eu saberei desmanchar.

Evangelista chegou
Às duas da madrugada
Assentou o seu pavão
Sem que fizesse zoadá
Desceu pela mesma trilha
Na corda dependurada.



Creusa estava deitada
Dormindo o sono inocente
Seus cabelos como um véu
Que enfeita puramente
Como um anjo terreal
Que tem lábio sorridente.

O rapaz muito sutil
Foi pegando na mão dela
Então a moça assustou-se
Ele garantiu a ela
Que não era malfezejo:
— Não tenhas medo donzela.



A moça interrogou-o:
— Diz-me quem é o senhor?
Disse êle: — Sou estrangeiro
Lhe consagrei muito amor
Se não fôres minha espôsa
A vida não tem valor.



Creusa achou impossível
O moço entrar na sobrado
Então perguntou a êle:
— De que jeito tinha entrado
E disse vai me dizendo
Se és vivo ou encantado.



— Como eu lhe tenho amor
Me arrisco fora de hora
Moça não negue o sim
A quem tanto lhe adora
Creusa aí gritou, meu pci:
— Venha ver o homem agora!



Ele lhe passou o lenço
Ela caiu sem sentido
Então subiu pela corda
Por onde tinha descido
Chegou em cima e disse:
O conde será vencido.



Ouviu-se tocar corneta
E o brado do sentinela
O conde se dirigiu
Para o quarto da donzela
Viu a filha desmaiada
Não pôde falar com ela.



Até que a moça tornou
Disse o conde é um caso sério
Sou um fidalgo tão rico
Atentado em meu critério
Mas nós vamos descobrir
O autor desse mistério.



— Minha filha eu já pensei
Em um plano bem sagaz
Passa essa banha amarela
Na cabeça desse audaz
Só assim descobriremos
Esse anjo ou satanás.



Só sendo uma visão
Que entra neste sobrado
Só chega à meia-noite
Entra e sai sem ser notado
E se é gente dêste mundo
Usa feitiço encantado.



Evangelista também
Desarmou o seu pavão
A cauda, a capota, o bico
Diminuiu a armação
Escondeu o seu motor
Em um pequeno caixão.



Depois de sessenta horas
Alta noite em nevoeiro
Evangelista chegou
No seu pavão tão maneiro
Desceu no quarto da moça
A seu modo costumeiro.



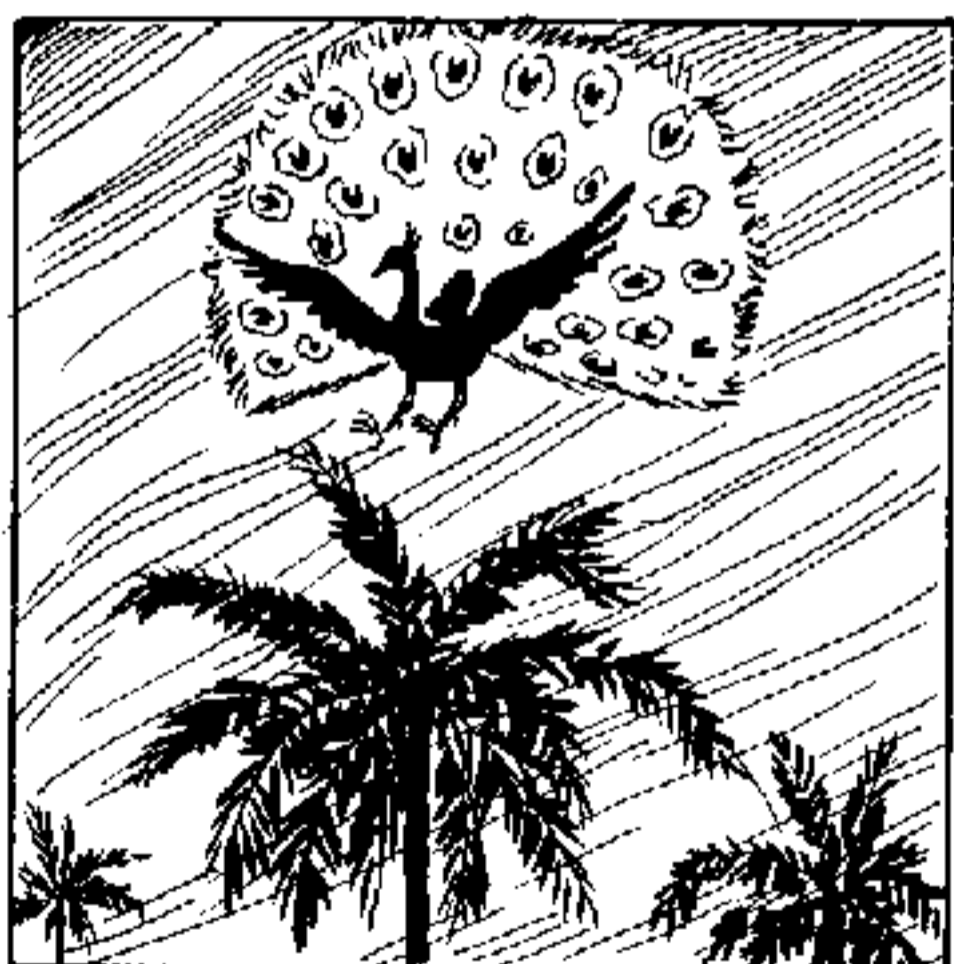
Já era a terceira vez
Que Evangelista entrava
No quarto em que a Condêssa
À noite se agasalhava
Pela fôrça do amor
O rapaz se arriscava.

Com pouco a moça acordou
Foi logo dizendo assim:
— Tu tens dito que me amas
Com um bem-querer sem fim
Se me amas com respeito
Te sentas junto de mim.



Evangelista sentou-se
Pôs-se a conversar com ela
Trocando riso esperava
A resposta da donzela
Ela pôs-lhe a mão na cabeça
Espalhou a banha amarela.

A Condêssa levantou-se
Com vontade de gritar
O rapaz tocou-lhe o lenço
Sentiu ela desmaiar
Aí deixou-a em síncope
Tratou de se retirar.



Então o Evangelista
Voando da cumieira
Foi esconder seu pavão
Nas fôlhas duma palmeira
Disse: na quarta viagem
Levo a Condêssa estrangeira.

Creusa então passou o resto
Da noite mal sossegada
Acordou pela manhã
Meditava e cismada
Se o pai não lhe perguntasse
Não ia lhe dizer nada.



Disse o conde: — Minha filha
Parece que estás doente
Sofreste algum acesso
Porque teu olhar não mente
O tal rapaz encantado
Te apareceu certamente.



E Creusa disse: — Papai
Eu cumpri o seu mandado
O rapaz apareceu-me
Mas achei-o delicado
Passei-lhe a banha amarela
E êle saiu marcado.



O conde disse aos soldados
Que a cidade patrulhassem
Tomassem os chapéus dos homens
Que na rua encontrassem
Um de cabelo amarelo
Ou rico ou pobre pegassem.

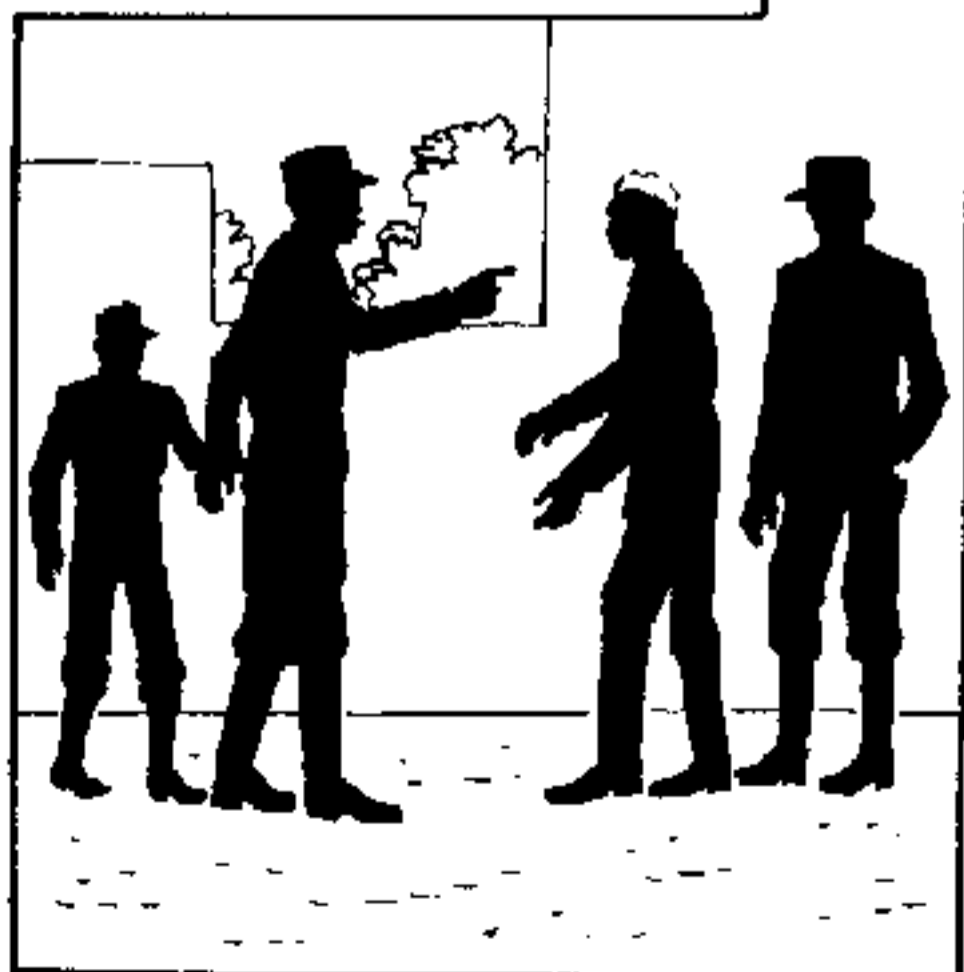
Evangelista vestiu-se
Com roupa de um alugado.
Encontrou com a patrulha
O seu chapéu foi tirado
Viram o cabelo amarelo
Gritaram esteja intimada.



Os soldados lhe disseram:
— Cidadão não estremeça
Está prêso por ordem do conde
É melhor que não se cresça
Vai à presença do grande
Se é homem não esmoreça.



Você hoje vai provar
Por sua vida responde
Como é que tem falado
Com a filha do nosso conde
Quando êle lhe procura
Onde é que você se esconde.



Respondeu Evangelista:
— Também me faça um favor
Enquanto eu vou vestir
Minha roupa superior
Na classe de homem rico
Ninguém pisa meu valor.



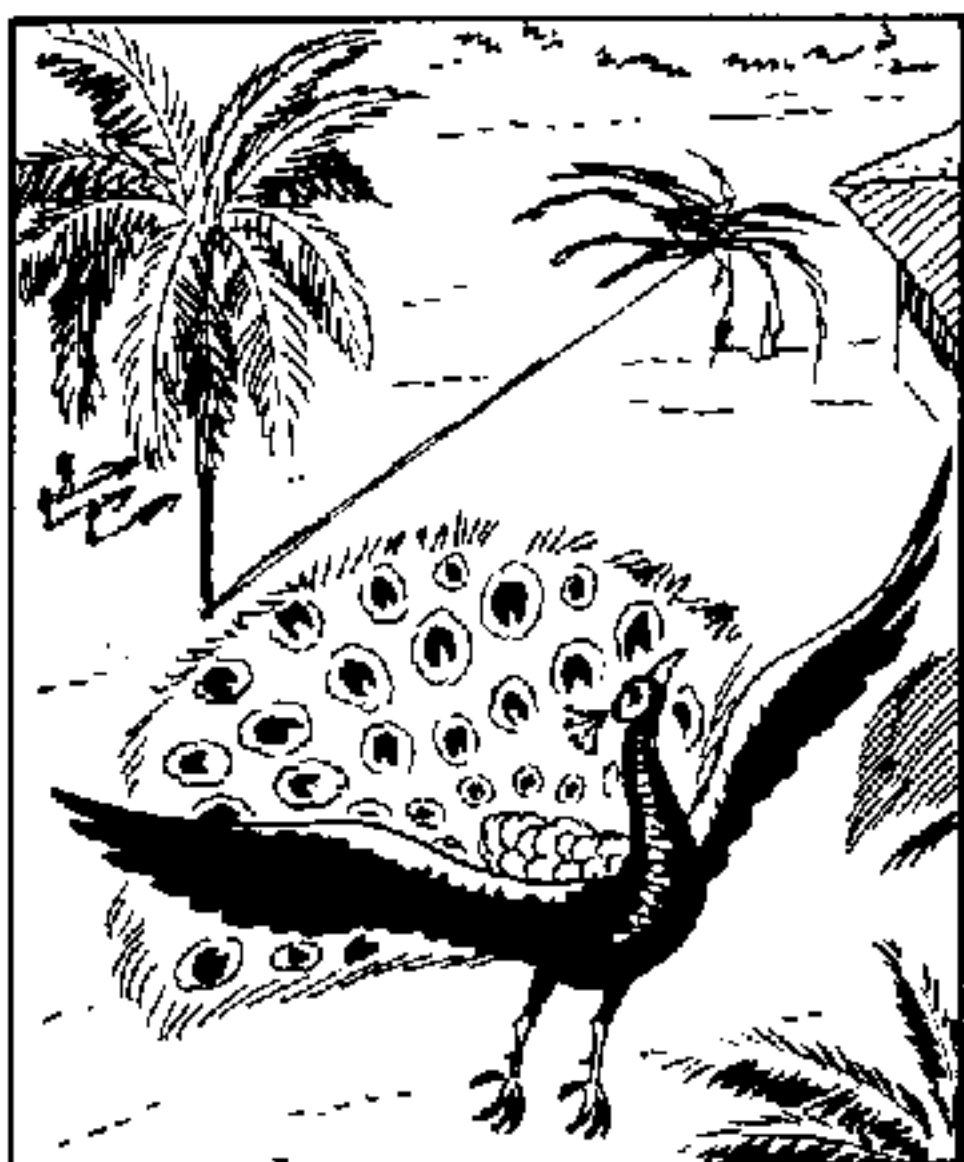
Disseram: — Pode mudar
Sua roupa de nobreza
A moça bem que dizia
Que o rapaz tinha riqueza
Vamos ganhar umas luvas
E o conde uma surpêsa.



Seguiu Evangelista
Conversando com a guarda
Até que se aproximaram
De uma palmeira copada
Então disse Evangelista:
— Minha roupa está trepada.



E os soldados olharam
Em cima viram um caixão
Mandaram êle subir
E ficaram de prontidão
Pegaram a conversar
Prestando pouca atenção.



Evangelista subiu
Pôs o dedo no botão
Seu monstro de alumínio
Ergueu logo a armação
Dali foi-se levantando
Seguiu voando o pavão.



E os soldados gritaram
Amigo o senhor desça
Deixe de tanta demora
É bom que não aborreça
Se não com pouco uma bala
Visita a sua cabeça.



Então mandaram subir
Um soldado de coragem
Disseram: — Pegue na perna
Arraste com a folhagem
Está passando da hora
De voltarmos da viagem.



Quando o soldado subiu
Gritou perdemos ação
Fugiu o moço voando
De longe vejo um pavão
Zombou de nossa patrulha
Aquêlê moço é o Cão.



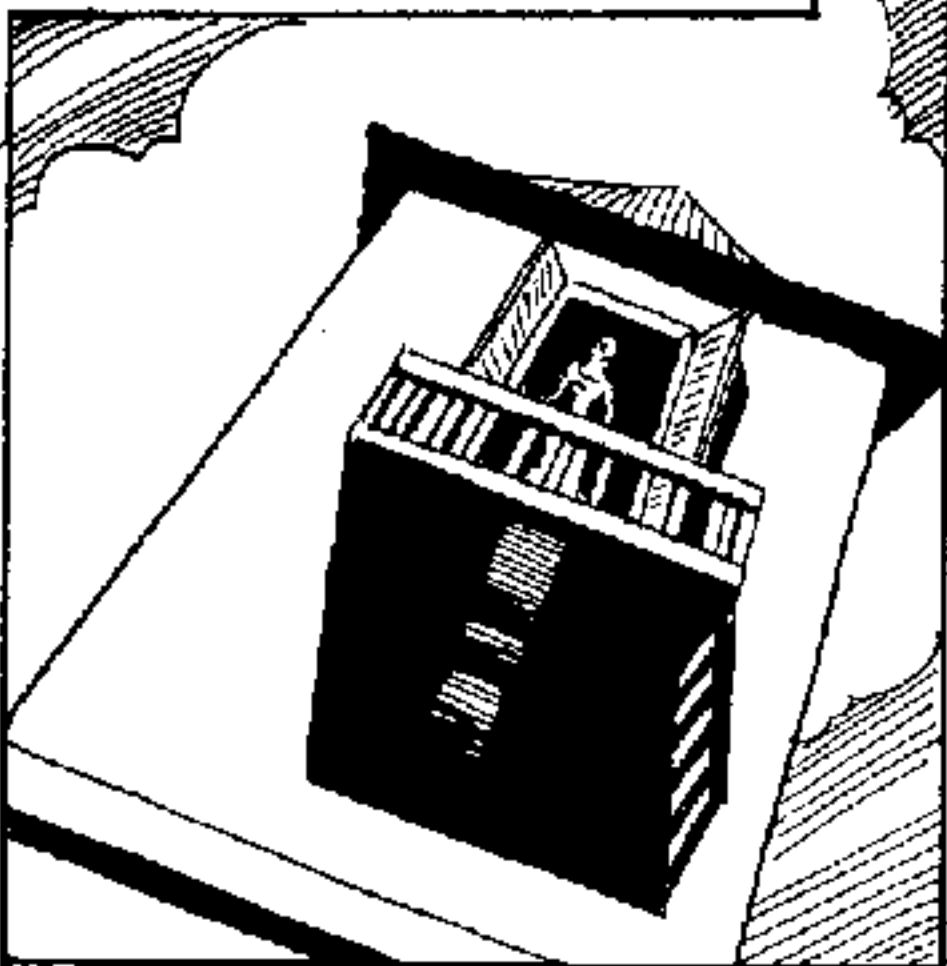
Voltaram e disseram ao conde
Que o rapaz tinham encontrado
Mas do ôlho de uma palmeira
O rapaz tinha voado
Disse o conde é o Cão
Que com Creusa tem conversado.

Creusa sabendo da história
Chorava arrependida
Por ter marcado o rapaz
Com banha desconhecida
Disse: nunca mais terei
Sossêgo em minha vida.



Disse Creusa: — Ora papai
Me priva da liberdade
Não consente que eu goze
A distração da cidade
Vivo como criminosa
Sem gozar a mocidade.

Aqui não tenho direito
De falar com um criado
Um rapaz para me ver
Precisa vir encantado
Mas talvez que ainda eu fuja
Dêste maldito sobrado.



O rapaz que me tem amor
Só queria vê-lo agora
Para cair em seus pés
Como a infeliz que chora
Embora eu ao depois
Morresse na mesma hora.

Eu sei bem que para êle
Não mereço mais confiança
Enquanto êle vinha aqui
Ainda eu tinha esperança
De sair desta cadeia
Que dá sentença à criança.



As quatro da madrugada
Evangelista desceu
Creusa estava acordada
Nunca mais adormeceu
A moça estava chorando
O rapaz lhe apareceu.



O jovem cumprimentou-a
Deu-lhe um aperto de mão
A Condessa ajoelhou-se
Para lhe pedir perdão
Disse: — Foi meu pai que
mandou
Eu fazer-te uma traição.



O rapaz disse: — Menina
A mim não fizeste mal
Tôda moça é inocente
Tem seu papel virginal
Cerimônia de donzela
É uma coisa natural.

Todo meu sonho dourado
É te fazer minha senhora
Se queres casar comigo
Te arruma vamos embora
Se não o dia amanhece
E se perde a nossa hora.



Se o senhor é homem sério
E comigo quer se casar
Pois tome conta de mim
Aqui não quero ficar
Se eu falar em casamento
Meu pai manda me matar.



Creusa estava empacotando
O vestido engomado
O conde entrou no quarto
Gritando em alto brado
Dizendo: — Filha maldita
Vais morrer com teu amado.



— Embora que êle mande
Tropa e navio pelos mares
Minha viagem é aérea
Meu cavalo anda nos ares
Nós vamos sair daqui
Casar em outros lugares.



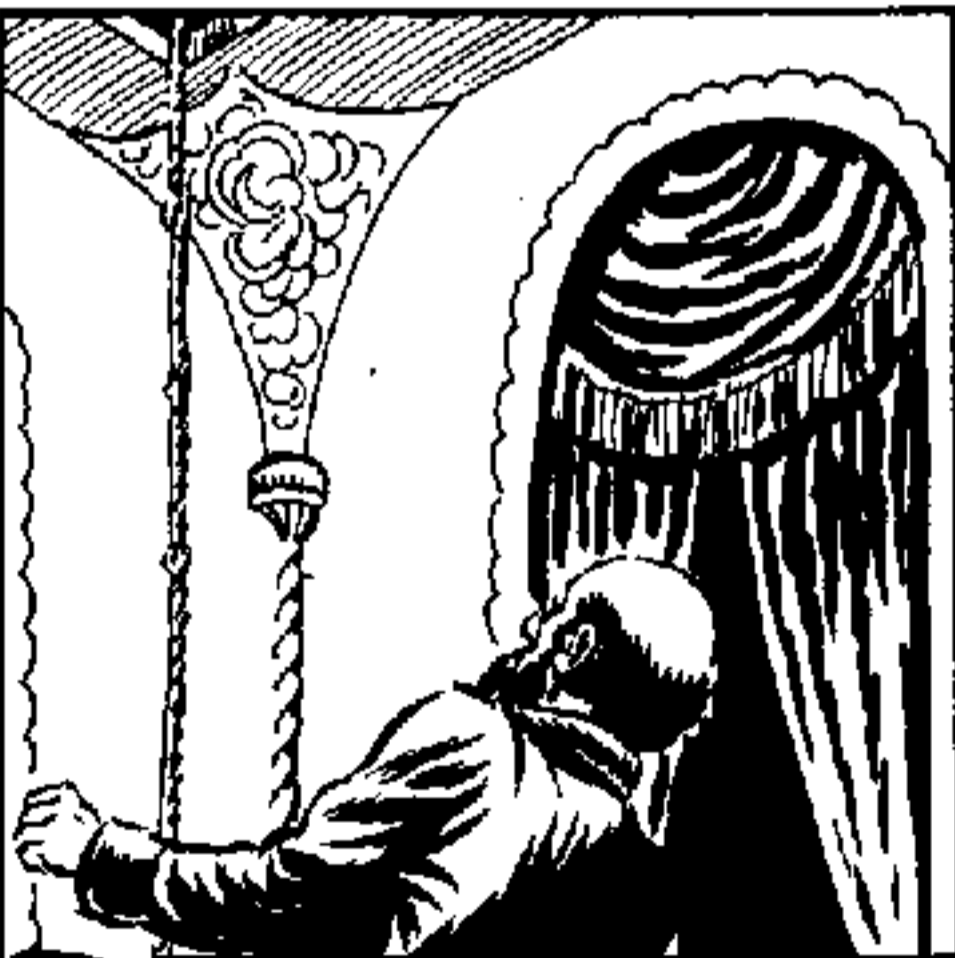
O conde rangeu os dentes
Avançou com passo extenso
Deu um ponta-pé na filha
Dizendo eu sou quem venço
Logo no nariz do conde
O rapaz passou o lenço.



Ouviu-se o baque do conde
Porque rolou desmaiado
A última cena do lenço
Que deixou magnetizado
Disse o moço: — Tem dez minutos
Para sairmos do sobrado.



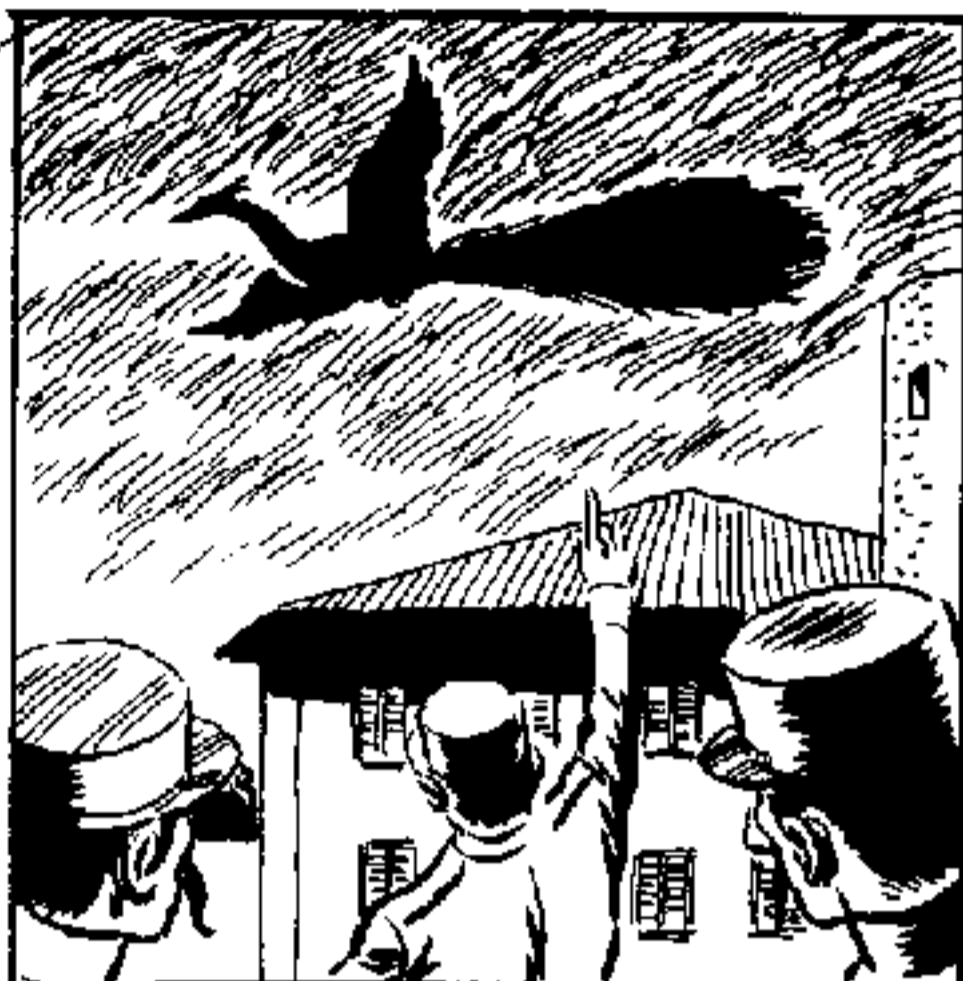
Creusa disse: — Estou pronta
Já podemos ir embora
E subiram pela corda
Até que saíram fora
Se aproximava a alvorada
Pela cortina da aurora.



Com pouco o conde acordou
Viu a corda pendurada
Na coberta do sobrado
Distinguiu uma zoadá
E as lâmpadas do aparelho
Mostrando luz variada.



E a gaita do pavão
Tocando com rouca voz
O monstro de olhos de fogo
Projetando seus faróis
O conde mandando praga
Disse a moça: — É contra nós.



Os soldados da patrulha
Estavam de prontidão
Disseram: — Vem ver fulano
Lá vai passando o pavão
O monstro fez uma curva
Para tomar direção.



Então dizia um soldado:
— Orgulho é uma ilusão
Um pai governa uma filha
Sem mandar no coração
E agora a Condêssinha
Vai fugindo no pavão.



O conde olhou para a corda
Viu o buraco no telhado
Como tinha sido vencido
Pelo rapaz atilado
Adoeceu só de raiva
Morreu por não ser vingado.

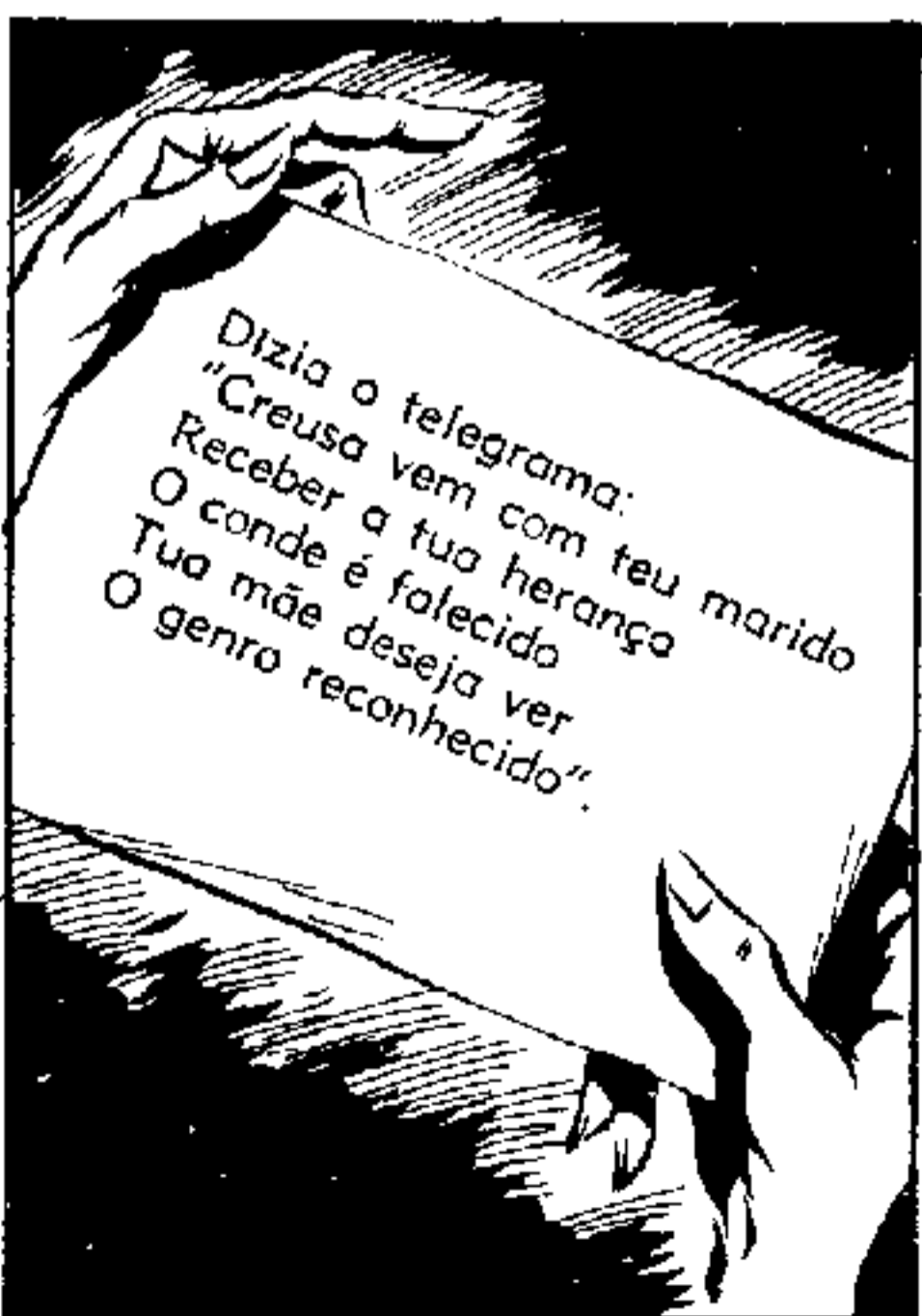


Logo que Evangelista
Foi chegando na Turquia
Com a Condessa da Grécia
Fidalga da monarquia
Em casa de João Batista
Casaram no mesmo dia.

Em casa de João Batista
Deu-se o grande ajuntamento
Dando viva aos noivados
Parabéns do casamento
À noite teve retreta
Com visita e cumprimento.



Enquanto Evangelista
Gozava imensa alegria
Chegava um telegrama
Da Grécia para a Turquia
Chamando a Condessa Creusa
Pelo motivo que havia.



Dizia o telegrama:
"Creusa vem com teu marido
Receber a tua herança
O conde é falecido
Tua mãe deseja ver
O genro reconhecido".

A Condessa estava lendo
Com o telegrama na mão
Entregou a Evangelista
Que mostrou a seu irmão
Dizendo vamos voltar
Por uma justa razão.



De manhã quando os noivos
Acabaram de almoçar
E Creusa em trajes de noiva
Pronta para viajar
De palma, véu e capela
Pois só vieram casar.



Diziam os convidados
A Condessa é tão mocinha
Mas vestida como noiva
Tornou-se mais bonitinha
Está com um buquê de flor
Séria como uma rainha.



Os noivos tomaram assento
No pavão de alumínio
E o monstro levantou-se
Foi ficando pequenino
Continuou o seu vôo
No rumo de seu destino.

Na cidade de Atenas
Estava a população
Esperando pela volta
Do aeroplano pavão
Ou cavalo do espaço
Que imita o avião.



Na tarde do mesmo dia
Que o pavão foi chegado
Em casa de Edmundo
Ficou o moço hospedado
Seu amigo de confiança
Que foi bem recompensado.

E também a mãe de Creusa
Já esperava veixada
A filha mais tarde entrou
Muito bem acompanhada
De braços com o seu noivo
Disse: — Mãe estou casada.



Disse a velha: — Minha filha
Saíste do cativoiro
Fizeste bem em fugir
E casar no estrangeiro
Tornem conta da herança
Meu genro é meu herdeiro.



Justiça só a de Deus
O juiz que já não erro
Senhor que do céu pra terra
Estende os poderes seus.

Como somos pigmeus
A Ele não enxergamos
Mas contudo precisamos
Enaltecer sua luz
Lembradas que com Jesus
O satanás afastamos.

ILUSTRAÇÕES



ANO 1

N.º 1

Cr\$
5,00

O ÚNICO HOMEM QUE
ENTRA NESTA REVISTA É VOCÊ

**GRÁTIS:
POSTER EM CÔRES**

A secretária sem preconceito
A herança de Berenice
Gênesis
Stephanie ensina... pintura
A mulher
mais proibida do mundo
A moda hipócrita e a mística
O divã do psicanalista
Numerismo

**... e claro: As mais
lindas garôtas do mundo**

REGISTRO NO SCOP N.º 178 PORTARIA 219/DG

**RIGOROSAMENTE PROIBIDA
PARA MENORES DE 18 ANOS**

JÁ EM TODAS AS BANCAS